

Entrevista com Pécio de Moraes Branco

Anísio Cláudio Rios Fonseca¹

¹Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG)

Nessa edição, a Revista Conexão Ciência entrevista o geólogo, gemólogo, escritor e colecionador de minerais Pécio de Moraes Branco, especializado em Economia Mineral.



Pécio de Moraes Branco foi, e é sempre será um marco na literatura mineralógica brasileira. Dono de conhecimento e experiência profissional muito acima da média, tem o dom de compartilhar seus vastos conhecimentos com gerações de Geólogos, gemólogos, professores e outros profissionais através de suas obras. Seus livros são leitura obrigatória para todos os que militam no mundo mineral. Seu dicionário de mineralogia foi pioneiro no Brasil, bem como seu dicionário de gemologia. Sua linguagem simples e, ao mesmo tempo, altamente técnica, são marcas registradas desse grande profissional e escritor. Num país ainda carente de literatura técnica de qualidade genuinamente nacionais, suas obras são agradáveis surpresas que transcendem o tempo.

1) Conte sobre sua formação acadêmica e a motivação que o levou a seguir a carreira de Geólogo e Gemólogo.

A opção pela Geologia foi consequência de uma atração que sempre tive pelas ciências naturais. Fiz o curso de Geologia na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), único que havia no Rio Grande do Sul (nenhum em Santa Catarina), diplomando-me em 1970. Em 1976, fiz especialização em Economia Mineral na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

O interesse pelas Gemologia surgiu em 1978 e foi consequência das muitas perguntas que me faziam sobre pedras preciosas, perguntas que eu não sabia responder porque minha graduação não me preparara para aquilo. Fiz diversos cursos com professores brasileiros e dois do prestigiado Gemologic Institute of America.

2) Discorra sobre sua área de atuação durante e depois de sua carreira na CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais) - Serviço Geológico do Brasil

A CPRM foi criada um ano antes de eu me graduar. Eu ainda era estudante quando decidi ser esta a empresa em que eu queria trabalhar. E assim foi. Após breve passagem pela Cia. Brasileira do Cobre, ingressei-me na CPRM local onde trabalhei por 35 anos, atuando em quatro estados.

Minha aposentadoria, em 2007, não rompeu essa ligação tão antiga; por três vezes após deixar a empresa fui por ela contratado para escrever artigos de divulgação científica da Geologia, destinados a alunos e professores. Redigi 64 artigos para o *Canal Escola*, página do site da empresa (www.cprm.gov.br). Além disso, continuei colaborando informal e gratuitamente com o *Pergunte a Um Geólogo*, serviço que criei quando estava na empresa e que se propõe a responder qualquer pergunta sobre Geologia.

Além dessas atividades, tenho prestado diversos serviços como consultor autônomo: cursos, palestras, guia de viagem a garimpos e empresas de pedras preciosas do Rio Grande do Sul, revisão de livros técnicos, identificação de gemas lapidadas, etc.

3) Seus livros sempre foram leitura respeitada e obrigatória na área de mineralogia e gemologia, seja nas universidades ou mesmo por estudiosos e colecionadores de minerais. Como foi a realização do primeiro deles e sua importância no cenário mineralógico?

A preparação do primeiro livro, o *Dicionário de Mineralogia*, exigiu quatro anos de trabalho e sua publicação foi complicada e demorada. Livros de Geologia editados no Brasil eram raríssimos, e eu era

um autor desconhecido. Mas, ele veio a público e teve três edições, todas esgotadas. Não havia (e não há) obra similar editado em nosso país. Ele foi o presente de formatura que o paraninfo da primeira turma de geólogos de Angola deu aos formandos.

Como meu segundo livro, o *Glossário Gemológico*, também se esgotou após três edições, a editora Oficina de Textos propôs reeditar os dois, fundindo-os em um só livro. Surgiu, assim, o *Dicionário de Mineralogia e Gemologia*, versão ampliada e atualizada dos dois, com 608 páginas e 118 fotos coloridas, o que não havia nas obras anteriores. Esse livro está já na sua segunda edição.

4) No seu Dicionário de Mineralogia e Gemologia, você dedica uma seção a nomes regionais/ obsoletos. Como foi o trabalho de reunir essas informações tão diferenciadas regionalmente?

Os termos da gíria dos garimpeiros foram coletados em diversas fontes, nem todas livros técnicos. Já os nomes obsoletos são principalmente aqueles assim classificados e periodicamente informados pela revista *The American Mineralogist*, editada nos Estados Unidos. O dicionário de português de Caldas Aulete, muito elogiado pelo menos até surgir o *Dicionário Houaiss*, o maior e mais moderno da língua portuguesa, é rico em nomes de minerais, mas muitos deles obsoletos.

5) Seu último livro relata suas extensas experiências pessoais e profissionais como colecionador e geólogo. Fale-nos mais sobre ele.

Meu sexto livro na área da Geologia, publicado em fevereiro de 2019, é o primeiro que não é técnico. Ele relata experiências vividas em muitos estados do Brasil e em vários outros países. São muitas dezenas de histórias vividas, em trabalho de campo ou não, na Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Amazônia, mas também no deserto do Saara e em grandes cidades como Santiago, Miami, Porto (Portugal), Nova Iorque e algumas capitais brasileiras. São 443 páginas com histórias curiosas, engraçadas, intrigantes ou mesmo trágicas mas que, hoje, parecem engraçadas. Há também capítulos digamos “sérios”, em que discorro sobre a Gemologia na minha vida profissional; meu trabalho de doze anos como coordenador do Museu de Geologia da CPRM e como colecionador de minerais; sobre algumas viagens geoturísticas no Brasil e no exterior e participação em congressos de Geologia. O livro possui uma ótima aceitação, não só por ser uma obra de leitura fácil e agradável, mas também por mostrar bem como é o trabalho profissional de um geólogo.

6) O sul do Brasil é pródigo em ocorrências de ágata, quartzo e opala. Qual a importância dessa exploração para o cenário econômico nacional?

O Rio Grande do Sul produz principalmente três gemas: ametista, ágata e citrino, este obtido por tratamento térmico da ametista. Apesar dessa pequena diversidade, é o segundo maior produtor de pedras preciosas do Brasil, pois o volume produzido é muito grande. Há produção de opala de fogo, mas em volume muito pequeno e sem importância comercial. Santa Catarina produz ágata e ametista, mas em volumes incomparavelmente menores.

7) Os derrames basálticos e riolíticos do sul do país são reconhecidamente extensos e ricos em minerais. Discorra sobre algumas ocorrências importantes e/ou peculiares.

Os basaltos do sul do Brasil ocupam, de fato, uma extensão muito grande. No Rio Grande do Sul, por exemplo, eles cobrem mais da metade do estado. Os principais bens minerais neles encontrados são, como já foi dito, a ágata e a ametista. Outras gemas são jaspe, obsidiana, ônix e cornalina, todas com produção insignificante em relação à ametista e à ágata. Há também ocorrências de cobre, nunca aproveitadas economicamente.

Merecem ser citadas incontáveis ocorrências de minerais do grupo das zeólitas. Embora não sejam aproveitadas economicamente, elas são muito valorizadas por colecionadores de minerais por sua grande beleza. Durante um bom número de anos, fiz intercâmbio com colecionadores de pelo menos quinze países e enviei muitas amostras de heulandita, escolecita e estilbita principalmente. Há também mordenita, cabazita, analcima e outras espécies desse grupo, menos abundantes. Junto a essas zeólitas, é comum se encontrar calcita e apofilita, também elas em belos agregados cristalinos.

Na pesquisa que resultou nos mapas gemológicos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, um colega e eu cadastramos também as ocorrências de minerais para coleção, trabalho que acredito nunca ter sido até então feito no Brasil. Isso permitiu descobrir que as zeólitas ocorrem principalmente numa faixa de direção SW-NE que vai da região de Lajeado (RS) até São Joaquim e Bom Jardim da Serra (SC).

Em alguns garimpos do Planalto (RS), os produtores de ametista extraem também belos cristais de gipsita, da variedade selenita, às vezes muito transparentes e límpidos, alguns com dezenas de quilos, bem como exóticos espécimes de quartzo pseudomorfo sobre anidrita. Nos garimpos de ágata de Salto do Jacuí (RS), há abundante opala comum, desprezada pelos garimpeiros. Em diversos pontos, ocorre obsidiana, cuja melhor ocorrência encontrei em Lagoa Vermelha (RS).

8) As zeólitas nacionais alcançaram o auge da fama na famosa ocorrência “Das Antas”, conhecidas no mundo inteiro. Como se encontram tais ocorrências atualmente? Existe exploração destas para o mercado de coleções?

A ocorrência de zeólitas e de apofilita verde da região do rio das Antas, de fato, ficou famosa. Diversos museus importantes exibem espécimes provenientes daquela região e eu mesmo vi um no Museu de História Natural de Nova Iorque.

Outra ocorrência muito famosa entre os colecionadores é a da pedreira da Prefeitura de Morro Reuter (RS), hoje desativada. Estive lá inúmeras vezes e coletei peças maravilhosas para o acervo do Museu de Geologia, para distribuição entre colecionadores, alunos e professores e para minha própria coleção. Herbert Pöllmann, mineralogista alemão que lá levei, disse tratar-se de um afloramento talvez único no mundo pela abundância de zeólitas. E eu acrescentaria: também por suas dimensões. Os maiores cristais de estilbita, escolecita e apofilita que eu já vi foram por mim coletados lá.

Apesar dessa riqueza, esses minerais não são encontrados no comércio do Rio Grande do Sul.

9) O Brasil é, sem dúvida, o maior produtor de gemas coradas do mundo. Como se encontra o cenário nacional em termos de tecnologia de lapidação e tratamento de gemas? Atende aos padrões internacionais?

A lapidação e o tratamento de gemas no Brasil ainda estão longe de ter a importância que seria de se esperar, considerando-se o volume da produção nacional. No Rio Grande do Sul, dominamos e aplicamos bem a tecnologia de tingimento da ágata e de tratamento térmico da ametista. Em outras regiões, acredito que o tratamento térmico seja também muito empregado, mas não conheço bem esse setor. Já a lapidação acho que é ainda muito insuficiente e me parece que não tem evoluído muito.

10) Quais seriam seus conselhos para quem pretende seguir a carreira de geociências e gemologia no Brasil ou no exterior?

O mercado de trabalho para geólogos é tradicionalmente marcado por fases positivas e negativas que se sucedem. Com a descoberta do Pré-sal, houve uma grande procura por esses profissionais, mas já estamos em nova fase de baixa demanda, não sei prever como evoluirá.

Na área da Gemologia, a criação do curso de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2009, foi um enorme avanço. Infelizmente, ele é ainda o único no Brasil. Os que querem se dedicar profissionalmente a essa área têm procurado os

cursos do Gemological Institute of America, nos EUA, ou outros, na Inglaterra e Alemanha, por exemplo. O Brasil precisa muito de gemólogos, mas o mercado joalheiro ainda desconhece e valoriza pouco esse profissional.

Agradeço o apoio, a atenção e a colaboração para a publicação da Revista, em nome do UNIFOR/MG (Centro Universitário de Formiga/MG) e da revista Conexão Ciência.

Anísio Cláudio Rios Fonseca

Autor e Revisor da Revista Conexão Ciência